

Dr. Dr. Affonso J. de Castro.

1.ª serie

1 DE SETEMBRO DE 1892

N.º 9

CRENÇA & LETRAS



REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

Rua das Flores-130-7.º

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES

307

SUMMARIO

Porto

S. Paulo.....	<i>Padre F. J. Patricio</i>
A Papiza Joanna.....	<i>Abundio da Silva</i>
Lourdes.....	<i>José d'Azaredo e Meneses</i>
Mater Inviolata (poesia).....	<i>Albano Bellino</i>
Influencia do Catholicismo nas producções da Intelligencia.....	<i>José Victorino Pinto de Curralho</i>
Um folheto protestante.....	<i>J. d'Oliveira</i>
Cartas d'um impio.....	<i>Rodrigo Moreno</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assinatura.—Anno 18000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.

As obras litterarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção - Collegio de S. Damaso - Guimarães.

EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES

Esta casa d'ensino, fundada em Outubro de 1890, tem por fim ministrar uma cuidadosa educacao litteraria, religiosa e civil. Acha se installada no convento da Costa, junto a Guimaraes, n'um local muito hygienico e ameno. Tem uma notavel facilidade de communicacões com as terras proximas mais importantes, já pela linha ferrea já por meio de carteiras diarias. O seu curso litterario regido por um numeroso corpo docente interno e pratico, está em harmonia com o ensino official.

I

Ensino

1.º Instrucção primaria: a) primeiras letras, b) elemental, c) complementar.

2.º Instrucção secundaria: isto é, as disciplinas que constituem o curso dos lyceus e seminarios.

3.º Conversação franceza e ingleza.

4.º Musica instrumental (piano, violino, flauta e violoncello) e vocal.

5.º Educacão pratica (principios de religião, moral e civilidade).

6.º Gymnastica e esgrima.

Obs. 1.º As aulas abrem-se no principio d'outubro e terminam no fim de julho.

Obs. 2.º Para ajuizar do adiantamento dos alumnos ha no collegio exames trimestres.

Obs. 3.º No fim de cada trimestre enviam-se ás familias *boletins* relativos ao comportamento, adiantamento e applicação dos alumnos.

II

Admissão

1.º Admittem-se alumnos *internos* e *externos*.

2.º Não pôdem ser admittidos como internos: a) os meninos de mais de 14 annos, b) os que tiverem frequentado algum collegio ou lyceu, principalmente tendo mais de 12 annos, c) os que padecerem molestias contagiosas.

3.º Todos os alumnos sam obrigados ao cumprimento integral do regulamento.

4.º Sam causas d'expulsão principalmente estas: a) a desobediencia formal b) a immoralidade notoria, c) a impiedade manifesta, d) a preguiça incorrigivel, e) habitos oppostos á disciplina do collegio, como: lêr novellas, fumar, etc.

CRENÇA & LETRAS

S. PAULO

Vas electionis est mihi iste.

E' a proeminente figura do vigoroso athleta de Tarso a que se destaca no apostolado christão, avultando por sobre as densas brumas do passado que se abysmava, e meigamente acariciada pelos resplendores da aurora redemptora que vinha erguer a sociedade para as exuberancias d'um rissonho futuro.

Constituição poderosa que os trabalhos não cançam e as luctas não fatigam; coração amplissimo dedicadamente aberto á onda dos mais generosos sentimentos; caracter austero e resolutivo que as ameaças não intimidam e os perigos não quebrantam; braço robusto para manejar uma espada na peleja e palavra eloquentissima para esgrimir em aturadas discussões; alma d'eleição, formada pelo brilho dos astros, pelo perfume das flores e pelas deliciosas harmonias d'um cantico primaveral, S. Paulo parece ter nascido para a missão apostolica como o cetaceo para o dominio dos mares, o leão para a desmesurada extensão do deserto e a aguia para a amplitude dos vastos céos.

Convertido á fé pelo milagre da mais particular vocação; chamado á milicia christã pela voz do Eterno; transfigurado na estrada de Damasco pelo clarão da fé, que derriba incredulos e ergue apóstolos, veio prestar á propagação do Christianismo os mais prodigiosos serviços.

Prégando a doutrina da paz e do amor, explana o dogma e a moral, radica o culto e a piedade, exalta a virtude e converte aquelles a quem se dirige. O mundo é para elle pe-

queno campo de batalha e a humanidade inteira é o exercito que pretende avassallar sob o labaro da cruz da redempção. Labuta, lida e moureja aproveitando as horas do dia e as vigílias da noite; jornadaea, peregrina e viaja sem lhe importar a extensão dos continentes, nem a amplidão dos mares; expõe, discute e evidencêcia a doutrina no congresso dos sabios, no meio das multidões, no recinto dos templos, no amphitheatro das academias, nos palacios e thermas, nas officinas e chonpanas, no meio do bulicio das cidades e na paz das aldeias: e tudo isto opportuna e importunamente, sob o pêzo d'ameaças e ante a inelencencia das perseguições, como entre o assentimento dos convertidos e o applauso da multidão.

Sem a menor sombra de receio e sem o mais ligeiro vislumbre de pavôr, a sua vida era a lida, o seu habito o combate, a sua aspiração a peleja: as difficuldades eram para elle as armas de resistencia que se tornavam laureis de victoria e arcos de triumpho.

Perigos de terra e naufragios no mar, sedições e tormentas, perseguições e tyrannias, carceres e tormentos (como elle mesmo o diz) eram accidentes vulgares para quem por Jesus Christo sacrificava a vida e não receiava a morte. O frio que exarecejava pela desnudez, o calor que dilacerava pelos desabrigos, a miséria e o abandono, as injurias e a proseripção, a fome e a sede, os assaltos dos ladrões e os ataques dos gentios: enfim os *perigos na cidade e no deserto, perigos no mar e entre os falsos irmãos*, tudo flagellou aquelle corpo e affligiu aquella alma de eleição!

Mas o Apostolo das Gentes era um d'esses homens raros, que apparecem na tela dos successos humanos envoltos em um ninho de utilidade social e caridosa indulgencia, que se destaca e faz sobresahir como as rubras pétalas da papoula se salientam por entre as espigas d'um trigal.

Por isso, não houve successo por mais extraordinario; não houve crise por mais violenta; não houve desillusão por mais amarga; não houve tormento por mais doloroso e martyrio por mais acérvo, que fosse capaz de entibiar as suas

crenças, arrefecer o seu fervôr, abalar as suas convicções, desorientar a sua missão, desmudar o seu proposito e offuscar os brilhos do seu altissimo character!

Aonde ha trabalhos que o procurem e a que elle não responda com dedicação; aonde ha perigos que o chamem a que elle não occorra com denôdo; aonde ha martyrios que o reclamem a que elle não se exponha cheio de fé? !!!

A contemplação d'este homem extraordinario a quem o Eterno confiou o alto destino de ser um valiosissimo elemento de propagação do Christianismo, surprehende-nos por miraculosa e deslumbra-nos por bellamente gloriosa na immortal historia da Egreja.

A palavra de S. Paulo era a luz e a chamma, a luz do céo que illustrava as consciencias e a chamma do amor divino que abrazava o coração da humanidade; era a primavera com todo o matiz das flôres que perfumam o delicado jardim das virtudes christãs e o outono de sazoados fructos em paz, em bençãos e em dulcissimas aspirações de bema-venturança.

Assim passou na terra o glorioso apostolo como uma revolução de fogo, que transmudou o mundo pagão e levantou deslumbrante de gloria a sociedade religiosa da Egreja Catholica.

Por ultimo veio prostral-o o tormento da morte; mas Deus abriu os braços para o receber gloriosamente em seu amplissimo seio. Com tanta fé o apostolo soube morrer, que desarmou e confundiu os tyrannos e algôzes que só sabiam matar. O mundo liberalisára-lhe em paga de todas as dedicações, as durezas do martyrio: Deus premeava-o com a eterna gloria!

Porto, 1892.

PADRE F. J. PATRICIO.

A PAPIZA JOANNA

(BREVISSIMO ESTUDO HISTORICO)

*Ao meu respeitavel e dilecto amigo, o
 Ill.^{mo} e Rev.^{do} Snr. P.^o Bernardo
 José Vaç, abbade em Gontinhães
 (Ancora).*

Entre os muitos argumentos que empregam os inimigos do papado, para atacar a infalibilidade pontificia e a Igreja, de que os pontifices são chefes visiveis, nota-se a lenda da papiza Joanna que conseguira eleger-se papa e depois vira descoberta escandalosamente a sua fraude.

Foram os protestantes que mais se serviram d'esta fabula para mover guerra ao papado, mas hoje tal facto está abandonado como argumento. Não impede isto porém que de tempos a tempos appareça um ou outro escripto que venha renovar a questão da papiza, querendo como que inocular no animo do povo a existencia real de tal acontecimento. Um d'estes escriptos foi o que a Grecia deu á luz, devido á penna de M. Rhoidis, cavalleiro da Legião d'Honra, e que logo foi traduzido para francez, por penna anonyma.

Soccorrendo-nos do muito que ha escripto sobre este assumpto, demonstraremos n'este artigo:

- 1.^o que os testemunhos invocados para fundamentar esta fabula não teem valor;
- 2.^o que a chronologia mostra a impossibilidade de tal facto;
- 3.^o que é incontestavel o valor dos testemunhos com que o refutamos.

I. Os auctores que admittem a existencia da papiza Joanna são na sua maioria allemães e inglezes e todos protestantes. Isto basta para muito facilmente se comprehender o interesse que teem em fazer vingar a veracidade d'esta

fabula, elles que respiram odio á Egreja de Roma, por elles appellidada ironicamente a Egreja dos Papas. Mas devemos confessar em abono da verdade, que alguns protestantes, não facciosos nem obcecados pelas paixões, mas convictos da verdade, deram o golpe de morte na lenda da papiza.

A fabula consiste no seguinte:

Diz-se que depois da morte do papa Leão IV subiu ao solio pontifício uma mulher que entrara em Roma disfarçada e recrutara numerosos adeptos pela sua erudição, e depois se elevara ao pontificado. Tendo relações criminosas com um creado, deu á luz quando em uma procissão se dirigia para a egreja de S. João de Latrão.

Deveria pois este facto dar-se no anno 855. Porém só seculos depois é que pela primeira vez encontramos referencias a tão extranho acontecimento.

A obra mais antiga que a elle se refere é a chronica universal de Mariano Scoto, que nasceu em 1028 e foi monge de Fulda, obra impressa em Bale em 1559. A passagem de Scoto é a seguinte: «*O papa Leão morreu nas kalendas de Agosto. Succedeu-lhe Joanna, mulher, que reinou dous annos, cinco mezes e quatro dias.*» (1) O Calvinista João Herold que a imprimiu teve o cuidado de supprimir as palavras *ut asseritur* que lá se encontravam, e portanto Scoto limitou-se a narrar o que ouvia dizer. Scoto mesmo ignora a chronologia dizendo que o papa Leão morreu nas kalendas de Agosto, quando é certo que falleceu a 17 de julho de 855 e não 854. N'este anno achavam-se em Roma quatro individuos que mais tarde haviam de occupar a cadeira de S. Pedro: Bento III, S. Nicolau o Grande, Adriano II e João VIII que com certeza deviam ter assistido á eleição de Joanna, se esta se dêsse, e d'ella fallariam nas suas obras, mas o seu silencio é absoluto.

Mais. O facto de que nos occupamos, a ser historico,

(1) Leo papa obiit Kal. Aug. 854. Huic successit Johanna mulier annis uobus, mensibus quinque, diebus quatuor.

dar-se-ia em 855. e Scoto só escreveu duzentos annos mais tarde; e será crível que nenhum outro escriptor falle de um facto que necessariamente havia de causar enorme sensação e o maior dos escandalos?

Outro testemunho que é costume invocar é o de Martinho Polaco, penitenciario de Nicolau III. Diz assim: «*Depois d'este Leão, João d'Inglaterra, natural de Moçuncia, reinou por espaço de dous annos, cinco mezes e quatro dias. E o pontificado ragou por um mez. Morreu em Roma. Dix-se que este papa foi mulher. Como de tenra idade foi trazida de Athenas por seu seductor com trajos masculinos, mostrou tal conhecimento em diversas sciencias, que não tinha rival. Viudo a Roma para ensinar o trivium, teve como ouvintes grande numero de mestres e de discipulos. E tendo na cidade grande fama de sciencia e virtude, foi eleito papa por unanimidade. Mas durante o seu papado achou-se gravida de um seu creado. Como ignorasse o termo da gravidez, caminhando de S. Pedro para S. João de Latrão, teve as dores do parto entre o Collyseo e a egreja de S. Clemente. Dix-se que foi sepultada n'este mesmo sítio. E porque o papa se descreu de esta rua cre-se que foi por causa do odioso de este facto. Tambem se não inseri no catalogo dos papas, tanto pelo seu se-ro como pelo escandalo do facto.*» (1) Burnet, bispo anglicano, que viu o manuscrito de Polaco, assevera que esta passagem não vem introcalada no texto, mas que se en-

(1) Reproduzimos o texto, embora o traduzissemos litteralmente: Post hunc Leonem Johannes Anglus, natione margantinus, sedit annis duobus, mensibus quinque, diebus quatuor. Et cessavit pontificatus mense uno. Mortuus est Romae. Hic, ut asseritur, femina fuit. Et eum in puellari aetate ad quendam suum amicum in habitu virili Athenis ducta fuit, in diversis scientiis ita profecit, ut nullus sibi par inveniretur. Adeo ut post Romae trivium legens, magnos magistros discipulos et auditores haberet. Et cum in urbe vita et scientia magnae opinionis esset, in papae concorditer eligitur. Sed in papatu per suum familiarem imprægnatur. Verum tempus partus ignorans, cum de Sancto Petro in Lateranum tenderet, angustata inter Coliseum et Sancti Clementis ecclesiam peperit. Et postea mortua, ibidem, ut dicitur, sepulta fuit. Et propterea quod papa eamdem viam semper obliquit, relictur omnino a quibusdam, quod ob detestationem facti hoc faciat. Nec ideo ponitur in catalogo sanctorum pontificum, tam propter mulieris sexum quam propter deformitatem facti.

contra á margem escripta por outra mão. Da transcripção que fizemos vê-se que o facto é apresentado como um boato, pois lá se encontra o *dix-se* que em Scoto foi supprimido. Segundo Polaco, Joanna teria frequentado as escholas athenienses, mas como, se só em 857 é que Miguel Bardas as estabeleceu? Como ir de S. Pedro para S. João de Latrão, se era esta a residencia dos papas, que só desde Bonifacio IX (1309-1404) é que habitam o Vaticano? Este testemunho, pois, tem o valor do antecedente, isto é, nenhum.

O padre Sigfred, no seculo XV, diz que se elevou uma estatua no logar em que a papiza morreu. Realmente a existencia de uma estatua representando uma sacerdotisa caminhando para o sacrificio precedida de uma creança, parece a alguem a causa de tão extravagante fabula. Sobre esta estatua achavam-se gravadas as seguintes lettras :

Pat. pat. Pat. P. P. P. :

O vulgo interpretou esta inscripção do seguinte modo:

Papa, pater patrum, peperit papissa papellum. (1)

Outra interpretação e mais accomodada se dá a esta inscripção. As tres ultimas lettras não deixam duvida que significam *propria pecunia posuit*, e as outras são o nome de um individuo qualquer.

Mas esta estatua, elevada por este individuo a suas expensas, seria para perpetuar um facto tão desgraçado? Não, por uma razão bem simples. Os que se servem da fabula para calumniar a Egreja e o Papado, affirmam que foram destruidos todos os documentos relativos á papiza, e que o seu nome foi riscado do numero dos papas, tal era o inte-

(1) Esta interpretação tambem tem o seu lado phantastico. Segundo Engelusis, são palavras sahidas da bocca do diabo quando Joanna deu á luz!

resse que a Igreja tinha em fazer desaparecer a memoria de este facto.

Ora se assim foi, como consentiria o papa que em Roma, diante dos seus olhos, se elevasse uma estatua que deveria causar tanto escandalo para o futuro? Isto é impossivel: a tal estatua significaria, segundo alguns, um sacerdote acompanhado de um pagem.

Para cumulo de phantasia, John Bayley, bispo de Ossory e depois protestante, diz que Joanna sagrara bispos, conferira ordens a presbyteros, diaconos, etc., consagrara altares e egrejas, administrara sacramentos, e dera a tonsura monastica ao imperador Lothario! Este auctor que escreveu nos meados do seculo XV, faz meras affirmações não se lembrando d'aquelle principio: *quod gratis asseritur, gratis negatur*.

Está ainda o testemunho do monge da abbadia de Gembloux, no Brabante, Sigeberto. Mesmo que a passagem fosse do auctor ao qual a attribuem, lá se encontram as palavras *fama est*, que claramente indicam que ali se não encontra narrado um facto historico, mas uma lenda. (1) A'erea da authenticidade da citação referida, devemos notar que o conego de Anvers, Aubert de Mire, assevera que viu quatro exemplares de Sigeberto, um trazido da abbadia de Gembloux, talvez o original, ou uma copia feita sobre o original e nem no texto, nem na margem (onde se encontram addições mais recentes) encontrou referencias á papiza Joanna.

Para terminarmos esta serie de testemunhos com que os detractores da Igreja e do Papado, pretendem comprovar a fabula da papiza Joanna, diremos que Estevão de Bellavilla,

(1) A passagem é a seguinte: Joannes papa Anglicus. Fama est hunc Joannem feminam fuisse, et uni soli familiari tantum cognitam. Qui eam complexus est, et gravis facta peperit, papa existens. Quare eam inter pontifices non numerant quidam: ideo nomine numerum non facit.

affirmou-a em um sermão, e contra todos os dados dos testemunhos acima, collocou-a no anno de 1100. (1)

II. Basta estudarmos os acontecimentos que se seguiram após a morte do papa Leão IV para concluirmos a impossibilidade do reinado de Joanna.

Logo depois da morte de Leão IV, o clero, os nobres e o povo de Roma elegeram papa a Bento III, n'uma epocha em que a Egreja era assuberbada por muitas difficuldades.

Não houve pois interregno, (assim o affirma Athanasio o Bibliothecario) e o governo de Joanna durante dous annos e meio não pôde ser intercalado entre Leão IV e Bento III.

No concilio de S. Pedro, Leão depozera o cardeal presbytero Anastacio, accusado de desobediencia. Depois da morte do pontifice, e sendo já eleito Bento III, o deposto quiz ascender ao solio, apoiando-se nas armas francezas, commettendo os mais repugnantes sacrilegios, e prendendo o venerando cleito, depois de ter queimado as actas do concilio que o depozera e anathematizara. Não é para aqui nem o podemos fazer, relatar as peripecias de tão lamentaveis acontecimentos, mas d'elles concluimos que logo após a morte de Leão IV sentou-se na cadeira de S. Pedro, o papa Bento III, e isto nos basta.

Adou, bispo de Vienne (França) que se achava em Roma em 866, e portanto contemporaneo de estes acontecimentos, affirma na sua Chronica, que Bento succedeu immediata-

(1) São estas as palavras de Estevão de Bellavilla: Accidit autem mirabilis audacia, immo insania, circa annum Domini MC, ut dicitur in chroniciis. Quaedam mulier litterata, et in arte nandi (*) edocta, assumpto virili habitu, et virum se tingens, venit Roman, et tam industria quam litteratura, facta ut notarius curiae. Post diabolo procurante, cardinalis, post papa. Haec impregnata peperit. Quod cum novisset Romana justitia, distraeta est cietra urbem, et ad dimidiam leneam a populo lapidata; et ubi fuit mortua, ibi fuit sepulta. Et super lapidem super appositum scriptus est versiculus:

Parce Pater Patrum Papissae Pandere Partum.

Ecce ad quam detestabilem finem ducit tam temeraria praesumptia.

(*) *Nandi* é abreviatura de *notandi*.

mente a Leão. O mesmo, o arcebispo de Troyes, Prudencio.

Hinemar, arcebispo de Reims, em uma carta a Nicolau I, assevera que os mensageiros que enviara ao papa Leão IV souberam no caminho a noticia da sua morte e que quando chegaram a Roma encontraram no solio Bento III.

Durante o reinado de Leão IV e de Bento III, temos conhecimento de todas as datas, nenhuma pôde ser contestada ou posta em duvida; cada uma está apoiada em um documento, e é portanto impossivel querer collocar entre os dous o pseudo governo da falsa papiza.

«Porventura é admissivel (pergunta Buet) que em tempos tão calamitosos, depois da invasão dos sarracenos, no meio das guerras que assolavam a Italia, das facções que esphacelavam o imperio, em presença das heresias e dos sophismas que tanto mal faziam á Egreja; no momento em que revoltosos e traidores conspiravam abertamente contra o papado, em que o intruso Anastacio era quasi vencedor, é admissivel, pergunto, que cardeaes, um clero inteiro, um povo inteiro, fosse procurar em uma cadeia de pedagogos, um monge imberbe que arrastava, sob um disfaree sacrilego, o corpo deshonorado de uma prostituta, para elevar esse ser hybridos, esse androgyno, esse hermaphrodita á cadeia de S. Pedro?

«E' possivel acreditar-se que uma semelhante usurpação podesse ficar de tal fórma desconhecida dos contemporaneos, dos inimigos encarnicados do papado, dos chefes dos partidos, de fórma que nunca a ella se referissem?

E' porque os que accéitam a veracidade da fabula, desprezam a opinião publica e querem-lhe impôr um absurdo.

III. Passaremos agora a citar alguns auctores que dão claro testemunho da impossibilidade da existencia da famosa papiza.

O bispo de Vienna, Adon, escreveu: *Gregorio morre, Sergio é ordenado em seu logar, Sergio fallece, Leão lhe succede; Leão morre, Bento occupa a Sé Apostolica.*

O texto do Bibliothecario Anastacio, que vamos reproduzir, prova ainda mais claramente que Bento III foi o *immediato* successor de Leão IV: «*O papa Leão morreu no mesmo anno de 855 a 17 de julho depois de ter occupado o solio por oito annos e tres mezes. Foi enterrado em S. Pedro. Logo depois que o papa de Leão morreu, o clero de Roma, os grandes e o povo se reuniram, e tendo rogado a Deus que lhes fizesse conhecer qual devia ser seu pastor, elegeram unanimemente Bento. As grandes acções já practicadas por este santo padre, o tornaram digno de seus suffragios.*»

Não deixaremos de citar Phocio que se podesse servir-se da fabula da papisa contra o papado, com certeza a empregaria: «*Recentemente deixou a vida esse Leão tão celebre, que se illustrou mesmo por seus milagres. Tere por successor no throno pontifical o austero Bento, tão doce e tão piedoso, afamado pelos seus combates asceticos.*»

O primeiro que se levantou contra esta lenda foi Encas Sylvio Piccolonimi, mais tarde Pio II. Provou que a dar-se a eleição de Joanna, não haveria um erro de fé ou de doutrina, mas uma simples ignorancia do facto, e pôz em duvida com acertadas razões a veracidade do acontecimento. O papa Urbano VIII encarregou o sabio dominicano Allaci da refutação de algumas obras que sobre este assumpto começavam a apparecer. Allaci refutou-as brillantemente, provando a falsidade da fabula que no seculo XI ainda era quasi desconhecida a ponto do papa Leão IX não receiar accusar a egreja de Constantinopla de ter uma mulher no numero dos seus pontifices.

Entre os protestantes, tambem se distinguem homens, que mostraram com todo o vigor a carencia de bases para se julgar verdadeira esta lenda. O primeiro é Blondel, que provou que os contemporaneos de Joanna não a conheciam porque nunca tinham ouvido fallar d'ella, pois a fabula é muito posterior. Os protestantes alcunharam este sabio ministro de vendido e emprehenderam uma multidão de escriptos destinados a destruir as asserções de Blondel. Não obstante isto, mais tarde Bayle segue-lhe os passos e com

este Lenibitz e Eckart. A lenda foi então quasi posta de parte e até hoje não appareceu argumento novo que a queira fazer reviver.

A'quelles, principalmente aos protestantes, que têm empenho no renascimento da fabula, aconselhamos que penssem nas seguintes palavras de Bayle, que vamos transcrever: «Eu ousarei dizer que os protestantes que clamam contra Blondel e que o consideram como um falso confrade, não são equitativos nem bem esclarecidos sobre os interesses do seu partido. Pouco lhe importa que esta mulher tenha existido ou não: um ministro que não é dos mais trataveis o confessa. Poderam objectar legitimamente com o conto da Papiza enquanto não foi refutado. Não eram os seus inventores, achavam-n'o em muitas obras compostas por bons papistas; mas desde que foi refutado por razões muito convincentes, deviam abandonal-o. . . .»

Deixamos (assim o cremos) provada a nossa these: *a papiza Joanna nunca existiu*. Mas concedamos por um momento que a lenda era verdadeira? em que era culpada a Igreja? deshonrar-se-ia por ser victima de um embuste? Maculou-se o throno da Russia por um falso Omitri se sentar n'elle por um momento? Acompanhamos estas expressões de M. de Sacay: «A Igreja não existe, se se póde perder; nunca existiu. As promessas sobre que a Igreja funda a sua perpetuidade são hoje o que eram hontem. Falsas, nunca a Igreja as teve; verdadeiras, a sua salvação está collocada acima de todas as revoluções d'este mundo, acima mesmo das faltas, das paixões, das vistas estreitas de seus chefes.»

A Igreja está superior a todas as perseguições, não teme os exercitos inimigos. A campanha que contra ella é movida é uma campanha de calumnias e de mentiras, embora organizada com methodo, tendo regras strategicas, tactica, soldados, officiaes e generaes. A nós os catholicos não nos amedrontam os seus armamentos: não receamos a sua arma, a imprensa; a sua peça Krup, o livro; a sua metralhadora, o pamphleto; a sua espingarda, o jornal. Cumprimos a nossa

obrigação combatendo-os com os lampejos da verdade, e com a compaixão que muitas vezes merecem.

Nota.—Aos nossos leitores aconselhamos sobre este assumpto a leitura das seguintes obras: HERMANN WITEKIND: *Jesuitas Pontificio maximi Romani emissarios falso et frustra negare papam Joannem VIII fuisse meretricem*, sem logar de impressão, 1588.—RAYMUNDO ou ROEMOUND: *Erreur populaire de la papesse Jeanne*. Bordeus, 1588, 1592, 1594, 1602, Lyon 1595. Paris 1599.—WHITAKER: *De papa romano et papissa romana*. Oppenh, 1601.—LEONE ALLACCI: *Fabulae de Joanna papissa confutatio ex monumentis graecis*. Roma, 1630.—JOÃO DE LA SALE: *Confutatio Joannae papissae*. Louvain, 1633.—JOÃO STALENUS: *Papissae monstrosa et mera fabula*, 1639.—DAVID BLONDEL: *Familier éclaircissement de la question, si une femme a été assise au siège papal de Rome entre Leon IV et Benoit III*. Amsterdam, 1649.—JOÃO CHIFFLET: *Judicium de fabula Joannae papissae*, Anvers, 1666.—CH. A. HEUMAN: *Dissertatio de origine vera traditionis falsae de Joanna papissa*. Goettingue, 1739.—CARLO BLASCO: *Diatriba de Joanna papissa, s. de ejus fabulae origine*. Napoles, 1778.—SEBASTIÃO CIAMPI: *Disanima sull'opinione del Boccaccio sulla papesa Giordanna*. Florença, 1828.—A. BIANCHI GIOVINI: *Esame critico degli atti e documenti della papesa Giordanna*. Milão, 1845.—CHARLES BUET: *La papesse Jeanne*. Paris, 1878.

Vienna do Castello, 15 - 7-92.

ARUNDIO DA SILVA.

LOURDES

N'isto, chega o correio com o livro de *Nossa Senhora de Lourdes*. Abri seis paginas no proposito de não ler mais. Li tudo, li 465 paginas. Chorei! Bella cousa chorar! Se sentires um raio de fé na tua purificada alma, lê ao menos seis paginas.

Camillo Castello Branco, Correspondencia epistolar entre J. C. Vieira de Castro e C. C. Branco, tomo II, pag. 101.

Tambem eu chorei sobre as paginas d'esse livro encantador, que parece ter sido divinamente inspirado.

A leitura da obra de *Lasserre* foi certamente que me resolveu a visitar o sanctuario da *Virgem Immaculada*, — um dos actos da minha vida que ainda hoje me inspira uma saudosa recordação.

A jornada de Hendaya a Lourdes é lindissima.

D'um lado a paisagem apresenta-se-nos selvagem e dura como as alturas dos Peryneos, coroadas de penedos, limitando o horizonte a oeste da via-ferrea; do outro a vista recreia-se nas hortas ajardinadas, que circundam as villas de *S. João da Lus*, *Biarritz* e *Bayona*, por onde já se nota o apurado gosto decorativo do francez. Diz-se que d'esta ultima villa deriva o nome a *layoneta*, descoberta do seculo XVII.

O comboyo teve uma pequena paragem na cidade de *Pau*, capital do *Bearn* e bellamente situada. Vale a pena visitar-se o historico castello em que nasceu Henrique 4.º, rei de Navarra, o primeiro *Bourbon* que succedeu na corôa de França, por morte de Henrique 3.º, o ultimo dos *Vilois*.

Eram sete horas e um quarto da tarde, quando o comboyo, afrouxando a marcha, se aproximava das margens pittorescas do *Gare*, guarnecidas de alamos e choupos, por entre os quaes desliza a corrente do rio, que banha a cidade de *Lourdes*, edificada na embocadura dos sete valles de *Lavedan* entre as ultimas ondulações das collinas, que fecham a pla-

nicie de Tarbres e os primeiros fragedos que abrem a grande montanha. (1)

Vencida uma pequena curva, descobrimos as torres da grande basilica, e logo a nossa vista se fixou n'um ponto illuminado, que saudamos de joelhos:—era a gruta da *Immaculada Conceição*, aonde noite e dia ardem em sua honra os cirios de numerosos peregrinos.

Instantes depois parava o comboyo, e nós, os quatro portuguezes, radiantes d'alegria, encaminhamo-nos para o *Hotel de France*, aonde deixamos as malas, e seguimos para a gruta. Era ao cahir da tarde. Os ultimos reflexos do sol poente esbatiam-se na cumiada dos montes, sobranceiros ás *rochas de Massabielle*, aonde a Virgem patenteou o immenso poder d'Aquelle, que, na phrase do Apostolo, *escolhe o que o mundo considera fraco para confundir o que é poderoso.*

A luz coada do crepusculo punha tonalidades d'uma melancholia suave nos prados toucados de flôres, em que se perdiam as ultimas notas do bando alado, que esvoaçava alegre no arvoredo, vestido de verdura.

Lá dentro da formosa basilica subiam as espiraes do incenso até ao throno da rainha dos Ceus e da terra, glorificada áquella hora pela multidão dos fieis nos ternos cantieos do *mez de Maria.*

Cá fóra, no terreno adjacente á gruta, ajoelhados no lagado oravam com grande fervor alguns piedosos romeiros, e outros bebiam alegremente a pura agua milagrosa, descoberta pelas mãos de *Bernardina* na presença da mãe de Deus.

Era um espectaculo sublime, que ficaria sem explicação, plausivel, se não fóra a crença de todos no milagre da apparição de Nossa Senhora á humilde pastorinha de *Bartrès*, filha do moleiro *Francisco Soubirvus.*

Corria o anno de 1858, e no dia 11 de fevereiro,— quinta-feira gorda, festejava a Egreja, segundo o calendario da diocese de Tarbres, a illustre pastora de França—*Santa Genoveva.*

(1) Obra cit., pag. 1.

O dia estava frio, o ceu toldado de nuvens, e a espaços cahiam algumas gotas d'agua.

Na maior parte das casas da cidade preparavam-se jantares abundantes, seguidos das costumadas folganças carnavalescas. Só na humilde morada do obscuro moleiro escasseavam os meios para uma refeição succolenta, e nem lenha havia no pobre lar para fazer o magro caldo d'essa familia, tão ignorada na terra como lembrada e querida nos céus.

— *Vae apanhal-a á beira do Gave*, disse Luiza Casterot a sua filha Maria. Esta calçou os tamancos.

— *Deixe-me ir com ella*, accudiu *Bernardina*, a irmã mais velha, de *quatorze annos*.

— *Não*, tornou a mãe, *tens tosse, fazer-te-hia mal*.

N'isto, apparecem Joanna Abadie, vizinha dos Soubironos, e insistiram todas tres. Por fim a mãe cedeu, e disse a *Bernardina*:

— *Vae buscar a tua capucha branca*. (1)

Sahiram as tres moeinhas, e depressa chegaram á margem esquerda do Gave, vendo a pequena distancia alguma lenha secca, espalhada em volta do rochedo de Massabielle. Para chegarem ao ponto aonde estava a lenha, era necessario vadear a pequena corrente d'agua, que tocava o moinho de Sávy. Maria e Joanna, mais diligentes do que *Bernardina* descalçaram rapidamente os tamancos, e ganharam a margem opposta.

— *Muito fria está a agua!* exclamaram ambas.

— *Ponde-me aqui umas poldras que eu passarei a pé curulo*, disse *Bernardina*.

— *Passa como nós*, respondeu Joanna, *descalça-te*.

Era pelo meio dia. Não tardavam as sollemnes badaladas do *Angelus* nos Campanarios rusticos dos Peryneos.

Começava *Bernardina* a descalçar-se, quando ouviu á roda de si como que o ruido da ventania, e fitando as arvo-

(1) Traze gracioso e peculiar ás raças dos Peryneus. É uma especie de capuz de panno encorpado, branco ou escarlata, que cobre a cabeça e desce até á cinta.

res, achou-as completamente immoveis.--*Enganei-me!*—disse a si propria.

Nova rajada de vento desconhecido lhe chamou a attenção, e erguendo a cabeça quiz soltar um grito de espanto, que se lhe abafou na garganta, e cahiu de joelhos deslumbrada pela formosura incomparavel da Santissima Virgem, que de pé, sobre a gruta lhe sorria, e a animava com um gesto grave e doce, benzendo-se para dar o exemplo á humilde pastorinha, cuja mão fez ao mesmo tempo o signal da cruz.

Durante o tempo da apparição, aproximadamente um quarto de hora, *Bernardina* conservou-se de joelhos, recitando o roziario, e quando pronunciava a *gloria*, a Virgem luminosa desapareceu de repente. No alto da gruta, via-se como d'antes o nicho deserto, em que bracejava uma rozeira brava,—unico adorno d'essa porta aberta na rocha, e pela qual baixára á terra a rainha dos céus.

Bernardina, descalçando-se, atravessou a corrente de agua, que a separava das companheiras, e perguntou-lhes:

Pois não viram nada?

—*Não*, responderam ellas.

—*Alguma cousa vi eu*, disse *Bernardina*, *vestida de branco*, e descreveu na sua linguagem simples a vizão miraculosa.

A noticia do extraordinario acontecimento espalhou-se na cidade, causando uma vivissima commoção.

Como sempre n'esta ordem de cousas, as opiniões dividiram-se: havia pessoas que acreditavam no *sobrenatural*, e outras que motejavam do caso. Entretanto as apparições succediam-se, e *Bernardina* era acompanhada á gruta por milhares de pessoas, testemunhas presenciasaes dos estasis da vidente, cujas feições se transformavam d'um modo maravilhoso.

—*Isto não é a catalepsia nem o extasi inconsciente dos allucinados: é um facto extraordinario d'uma ordem completamente desconhecida á medecina*,—dizia o medico *Doroux*

tendo tomado o pulso de *Bernardina*, que achou regular, e sem que ella dêsse por isso. (1)

D'uma vez a chamma do cirio da virgente alcançou-lhe as mãos, postas em adoração ante a *Belleza Immaculada*. Houve um movimento de curiosidade em todas as pessoas presentes, cujos olhares se fixaram em *Bernardina*, insensível á acção do fogo mas, terminado o extasi, viu-se que nada tinha padecido. Um dos espectadores quiz, porém, fazer a contra-prova, e pégando no cirio ainda aceso aproximou-lh'o disfarçadamente das mãos.

— *Ah! que me queimou*, disse a pastorinha.

N'uma das repetidas appareições Nossa Senhora pronunciou estas palavras :

— *Eu sou a Immaculada Conceição.*

E d'outra vez ordenou á sua filha dilecta :

— *E agora vai dizer aos padres que eu quero que me edifiquem aqui um altar.* (2)

O abade de Lourdes, Monsenhor Peyramale, de saudosa memoria, e todos os mais padres da cidade tinham-se conservado estranhos aos acontecimentos da gruta, que estrondeavam por toda a França.

Só muito tarde é que o clero se pronunciou sobre o caso, e esta attitude prudente foi-lhe aconselhada desde a primeira appareição por Monsenhor *Laurence*, bispo de Tarbes, que assistiu impassivel a essa guerra aberta contra o *coler-*

(1) Eu já tive a ventura de ver coisa semelhante. No mez de maio de 1873 fui com a minha familia visitar a serva de Deus—Anza de Jesus Maria Jose, da povoação de *Breijma*, a distancia de duas leguas ao sul do Porto; e depois d'esta doente ter commungado a missa, a que assistimos, viu-a em extasi por espaço de vinte minutos insensível a tudo que se passava em volta do seu leito, aonde jazia enferma ha muitos annos. Contaram-nos que n'outra occasião alguns peccas maravilhosos do facto chegaram a péir a doente com alfinetes, sem que ella dêsse pela judicialia dos seus hospedes.

Vide a noticia da vida e morte d'esta serva de Deus, publicada no «Mensageiro do Coração de Jesus» dos annos 1871-72.

(2) V. obra cit. paginas 56, 92, 168 e 176.

natural, promovida pelos livres pensadores, mancomunados com as autoridades locais.

As violências que estas commetteram contra *Bernardina* e contra o povo, tão moderado como firme na defeza da sua crença, obrigaram o imperador Napoleão III a intervir pessoalmente no assumpto, mandando reabrir a gruta á multidão dos fieis.

Apurados rigorosamente os factos milagrosos por uma commissão nomeada pelo Prelado diocesano, promulgou este a sentença, em que claramente expõe a verdade. A 4 d'abril de 1864 Monsenhor *Laurence*, revestido de pontifical, foi processionalmente tomar posse das *rochas de Massabielle*, em cujo nicho collocou a bella estatua da Virgem Immaculada.

Foi uma festa brilhantíssima, em que tomaram parte quatrocentos sacerdotes, a guarnição militar de Lourdes, de grande uniforme, numerosas confrarias, córos de anjos entoando canticos á Virgem: e *sessenta mil* *personas*, que testemunharam alli, publicamente, a sua devoção á rainha do ceu e da terra. Por fim triumphou a verdade!

Sim, a verdade que promana do christianismo, cujo divino fundador quiz que a razão humana lhe ficasse perpetuamente sujeita, e assim a crença no *sobrenatural* é o exercício continuado d'essa sujeição, que se verifica pela constancia na fé. Os milagres são uma prova evidente da existencia de Deus, cujo poder é immenso, e se exerce como e quando lhe apraz, e sempre em harmonia com o plano providencial da existencia do mundo.

Os acontecimentos miraculosos de Lourdes devem inspirar-nos uma terna devoção á *Virgem Immaculada*; e enquanto que na sua formosa basilica numerosos peregrinos lhe dirigirem uma prece, orvalhada de lagrimas, a mão d'Aquella que tudo póde sustará a marcha da humanidade afflicta no pendor da desgraça.

JOSE D'AZEVEDO E MENEZES.

MATER INVIOLETA

Ao erudito e virtuoso Arcebispo de Braga
 Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato

Phenix d'amor, de misericordia e graça,
 Da humanal progenie gloria immensa,
 Dae-me ardimento p'ra que as furias vença
 Do Cocyto que o meu baixel ameaça.

Revelae-me o que quereis que sempre faça
 Afim de conservar illesa e intensa,
 Contra os ataques da impiedade, a crença
 Que offerece o Eterno Bem a quem a abraça;

E sendo assim por vós patrocinado
 A vida viverei feliz, contente
 N'este desterro assaz labefactado.

Eia pois, mãe amavel, mãe clemente!
 Da vossa aligera milicia ao lado,
 Louvores mil vos darei continuamente.

Setembro de 1892.

Albano Bellino.

INFLUENCIA DO CATHOLICISMO

NAS

PRODUÇÕES DA INTELLIGENCIA

I I

Teve a Egreja de sustentar, nos primeiros seculos, os mais rudes combates; mas ainda assim, no meio de morticínios e perseguições atrozes, manifesta-se brilhante, na defeza das verdades eternas, o poder da sua influencia.

Do meio das tempestades que, a cada passo, se levantam temerosas, surgem genios sublimes, cujo brilho, illuminando todos os seculos, chega até nós, em toda a sua pujança.

S. Justino, sabio philosopho, espirito cultivadissimo, frequentou as escholas dos philosophos, em busca da verdadeira luz; não a encontrando senão na religião de Jesus Christo, de cuja verdade se compenetra depois de serios e aturados estudos, torna-se, seu apologista eloquentissimo e glorioso martyr.

Tertuliano, versado na jurisprudencia e nos systemas philosophicos, presencendo a constancia dos martyres, abraça a religião, que produz taes prodigios de heroismo; e promovido ao sacerdocio, consagra seu genio, saber e talento, á defeza da fé, compondo numerosos escriptos, cheios de luz e solidez de douctrina.

Depois, trahido pelo seu genio impaciente e rigorista, deixa-se arrastar pela apparente austeridade dos montanistas; mas os brilhantes clarões, que suas obras haviam diffundido, nada pode offuscal-os.

O *Apologético*, que descarregou no paganismo o golpe mortal, será sempre um monumento de gloria dos primeiros seculos; assim como o exemplo do seu auctor nos ensina, no dizer de L'Honcond, quanto é perigoso ao homem ser aferado ao seu parecer, e não ter o espirito de submissão e humildade necessaria, para submeter-se á auctoridade da Egreja.

Origenes, dotado de tão vasto engenho, que era versado em todos os ramos da sciencia e litteratura; pôz ao serviço da religiãõ todos os dotes da sua intelligencia, convertendo hereges, pagãos e philosophos em grande numero.

Devido á influencia das doutrinas de seu mestre Ammonio Saccas, que pretendia conciliar as varias escholas philosophicas e as mesmas religiões, cahiu Origenes em alguns erros, que todavia não sustentou com contumacia.

«Se o defensor da verdade, diz L'Homond, teme desgostar o erro, vae perdido e precipita-se infallivelmente.»

S. Clemente d'Alexandria, impellido pelo ardente desejo de saber, emprehende longas viagens, em que trata com os homens sabios de todos os paizes: e dominado pela influencia da religiãõ, torna-se seu illustre campeão, entre os mais illustres.

Dirigindo a celebre eschola de Alexandria, attrahiu ao gremio da Egreja grande numero de philosophos e sabios distinctos.

Eusebio de Cezarea é um dos escriptores mais doutos, que tem existido; seus escriptos denotam estudos profundissimos e perseverantes. Entregando-se á lição das letras sagradas e profanas, adquiriu tão variada erudição, que passava por saber tudo que se escrevera até o seu tempo.

Santo Agostinho, convertido pelas lagrimas e supplicas de sua mãe, fez da Sé de Hippona o ponto mais luminoso do mundo catholico, e um fóco esplendido d'onde irradiou, durante o seu longo episcopado, um clarão fulgentissimo, que illuminou toda a Egreja.

Muito longe iria, se ennumerasse todos os illustres escriptos que, sob a influencia poderosa da religiãõ, foram outros tantos opologistas e denodados defensores das verdades eternas.

Theophilo d'Antiochia, Arnobio, Lactancio, Santo Ireneu, S. Cypriano, S. Cyrilo, Santo Athanasio, S. João Chrysostomo e outros muitos, são vultos que enchem todos os seculos, com o esplendor de suas virtudes, a sabedoria e eloquencia de seus escriptos, a fortaleza e valor inquebrantavel na

defeza da verdade, e que jámais se teriam elevado a tal altura, se a religião lhes não houvesse desferido os voos da intelligencia.

S. Justino, se não fosse christão, não passaria d'um philosopho distincto; Tertuliano, não seria mais que um habil juriseconsulto; Santo Ambrosio, seria apenas um magistrado integro; Santo Agostinho, não iria além d'um bom professor de eloquencia.

E assim todos os outros.

A religião, dando nova direcção a seus estudos, abrindo mais largos horisontes a seus talentos, fez d'elles homens extraordinarios, elevou-os prodigiosamente a cima de seus contemporaneos gentios.

III

Batido por todos os flancos pelo ariete dos barbaros, desmorona-se, cahe a pedaços o imperio romano, e com elle sepultam-se as sciencias e as lettras.

Grandiosa foi a missão que, n'este cataclismo, coube á Egreja desempenhar. Teve de civilisar os povos invasores, de auxiliar a constituição dos estados modernos, de salvar a precioso thesouro da sabedoria humana.

As sciencias e as lettras ficaram em seu poder, como em deposito sagrado, para as restituir ao mundo, augmentadas e desenvolvidas, quando o seu perseverante trabalho em civilisar as hordas barbaras, dissipasse as trevas.

N'esta epocha desenvolve a Egreja toda a sua actividade civilisadora, e dá brilhante testemunho de quanto é poderosa a sua influencia.

Continuava a Santa Sé a expandir sobre o mundo um vivo esplendor; o clero, com admiravel perseverança, punha em acção esforços herculeos, para diffundir a luz e a sciencia, instituindo escolas, onde ensinava a grammatica, a rhetorica, a logica, a arithmetica, a geometria, a muzica e a astronomia.

Abriam os monges escolas em seus mosteiros, e fundavam bibliothecas, onde recolhiam as melhores obras, copian-

dê-as com todo o esmero, para as transmittirem á posteridade.

«Sem os mosteiros, diz Leibnitz, quasi todos os manuscritos dos antigos se teriam perdido, e com elles as sciencias.»

«Nada podia suspender a auctoridade da Egreja, diz um escriptor moderno. Ella convoca suas assembleias, defende seus direitos sagrados, préga seus dogmas, faz e promulga suas leis, ensina a virtude e conduz á perfeição, com o mesmo zelo, força e efficacia, que nas mais bellas edades.»

«Sob a sua protecção, a philosophia, a litteratura e a poesia, que parece pertencerem exclusivamente aos povos civilizados, e não poderem cultivar-se senão no seio da paz, não deixaram de florescer entre os barbaros, e no meio das mais violentas commoções politicas.»

I V

Depois de, por tantos seculos, ter alimentado o fogo sagrado das sciencias e da civilisação, é ainda a Egreja quem, restabelecida a paz, e acalmadas as paixões, despede de seu seio os brilhantes clarões de luz, que espancam as trevas, em cujo espesso manto estivera a sociedade, por tantos tempos, envolta.

Seguindo-a na sua marcha gloriosa atravez dos seculos, vêmol-a derramar torrentes de luz na sua passagem; attrahir os povos barbaros ao convívio da civilisação; conservar o deposito das sciencias; dotar o mundo de obras primas de esculptura, architectura e pintura; suggerir a construeção dos grandes monumentos religiosos, que embelezam o mundo, com a elevação de seus zimbórios e o delicadissimo rendilhado de seus porticos; inspirar as obras primas da litteratura europeia; guiar os passos de desvelados cultores de todas as sciencias; elevar, em uma palavra, a razão humana a uma altura, que ella, entregue a si, jamais teria attingido!...

Em vista de uma folha de serviços tão importante, accusar a Egreja de favorecer o obscurantismo e oppôr-se ao

desenvolvimento das sciencias, é um pyramidal contrasenso; é ir de encontro ao sentir unanime da humanidade que, em voz unisona, em nome da razão e da historia, protesta contra tão erroneas affirmativas!...

V

Castilho na sua eloquentissima apologia das ordens religiosas, escreveu os seguintes periodos, tão notaveis pelas verdades que encerram, como pela bella linguagem, portuguezza de lei, em que estão escriptos:

«Qual seria o estado das nações, que hoje florescem, se o monarchismo não tivesse n'ellas apparecido?...

«Haveriam perecido para nós quasi todos os poetas, oradores, historiadores e philosophos da antiguidade, e não haveriam nascido os milhões de escriptos que, na sombra e silencio dos claustros, se meditaram, compuseram e aperfeiçoaram sobre aquelles exemplares de outras eras, e que nos transmittiram inteiro o deposito dos conhecimentos das edades: as nossas bibliothecas não accudiriam ás sêdes do estudo, com metade das fontes caudaes, que hoje lhe offerecem: as obras monumentaes, principalmente aquellas para que não bastava um homem, nem uma vida, deixariam de existir, se não tivesse havido aquellas corporações estudiosas, que não morriam nem envelheciam: a architectura houvera dormido um somno de mil annos, para acordar vacilante e incerta, quando os nossos philosophos a chamassem: a esculptura, hoje tão crescida e bem herdada, estaria nua vagando no seu berço: a pintura apenas haveria salido do cahos: a musica balbuciaría os seus primeiros solfejos.

As mathematicas, a physica, a botanica, a zoologia, a geographia, a jurisprudencia sagrada e profana, teriam carecido de seus mais poderosos auxiliares, e distariam ainda seculos do ponto a que são chegadas. Ignorariamos mais de metade da historia, e innumeraveis paizes do globo, hoje civilizados e contentes á sombra da Cruz, permaneceriam ainda silvestres, idolatras, intractaveis e antropophagos, nullos para

Deus, nullo para os homens e nullo para si mesmos. Eis aqui, eis aqui, os homens estereis, egoistas e inertes!»

E' assim que a Egreja se vinga e responde a seus destractores: empenhando, cada vez com mais solicitude, o melhor de suas forças e da sua actividade, em promover o adeantamento moral e scientifico, o bem estar espiritual e temporal dos individuos e das nações, e em minorar os soffrimentos da humanidade, por meio de seus admiraveis institutos de caridade e beneficencia!...

Esplendida vingança!...

Sublime dedicação!...

(*Continúa*).

Reitor de Manueellos,

J. V. PINTO DE CARVALHO.

UM FOLHETO PROTESTANTE

(REPAROS)

*Ao sympathico e desditoso impio
Rodrigo Moreno.*

Haverá tres mezes que um meu òx-collega no sacerdo-
cio atirou para o mercado litterario um pequenino e terno
abôrto religioso. *Christianismo e ultramontanismo* é o seu
nome: o auctor é o presbytero Joaquim dos Santos Figuei-
redo, ex-padre catholico, com magna o digo. Vem adornado
com o rotulo do estylo: *Protesto patriotico contra Roma*,
que é para sentir não venha lithographado a ouro.

Custou meio tostão, e ainda assim fui logrado, pois que
julgando o folheto, se não uma joia de fé, ao menos uma pre-
ciosidade litteraria, o snr. padre Figueiredo dignou-se impin-
gir-me por aquelle prego um sermão protestante e meia du-

zia d'artigos alarmcados (1) á laia de noviciado para entrar na seita protestante.

Fui roubado portanto, como se diz em bom portuguez, e foi bem feito que é para não ser amigo d'escandalos e leitor ferrenho de livros suspeitos.

Imagina o leitor amigo que pretendo fazer a autopsia ao opusculo em questão? Não é essa a minha intenção, credo! *Aquillo* não tem por onde se lhe pegue e o bisturi da critica por mais ferruginoso e grosseiro que seja, entra facilmente e no meio das incisões só encontra podridão, afóra um ou outro osso desconjunctado, que o auctor pediu emprestado, afim de vêr se conseguia animar aquelle cadaver e cohonestar o seu procedimento como sacerdote catholico.

Apezar de ser inspirado e auxiliado nas grandes questões pelo apostolo S. Paulo, o auctor commetteu um verdadeiro desastre e, francamente, eu esperava mais d'elle, tanto mais que tinha ouvido tecer rasgados encomios ao seu character impolluto e á rigidez dos seus principios politicos.

Effectivamente, um sacerdote exemplar que professa uma politica adversa á existente porque a julga necessaria a um paiz em convulsões, e que por esse motivo soffre e se vê perseguido injustamente pela intolerancia dos homem que lhe coactam a liberdade de pensar e de eserever, um padre assim deve ser digno de veneração e respeito. Ainda que não tenha mais qualidades de valor a recommendal-o, já não é pequena a de calcar aos pés a opinião publica e arrostar com as suas diatribes. Ora, era n'este nobilissimo conceito que eu tinha o sur. padre Figueiredo, e apezar de não precisar d'invejar-lhe a corôa de martyrio democratico que lhe equaltecia a fronte, nutria em meu coração certo sentimento d'emulação por vê-lo soffrer mais do que eu por uma causa que reputavamos justa.

Mas não; o sur. padre Figueiredo, que eu eria tão bom sacerdote como dedicado politico, surge-me n'um bello dia

(1) Publicados no *Alvoro* de Coimbra.

de maio a prégar ás turbas protestantes na tenda denominada *Egreja Evangelica Methodista*, do Porto!...

O motivo de tão desgraçada quam lamentavel mudança não se deixa vêr claramente do escripto do auctor, o que ainda é mais para sentir. Diz elle, que fôra a intolerancia e a intransigencia, a hypocrisia e o despotismo do anti-civilizador, anti-social e anti-evolutivo ultramontanismo que o levaram a deixar as obras das trevas e a vestir as armas da luz, a abandonar, enfim a egreja romana.

E' realmente lamentavel que por tão pouco, renegue um padre a sua fé, a crença de seus maiores!

Concedo-lhe padre Figueiredo, que desesperado e ferido nos seus sentimentos mais sagrados, commettesse por um momento o desrespeito d'atirar com a batina ás faces d'aquelle que era o seu superior ecclesiastico. Podia ser muito bom christão sem ser padre de facto. Mas, o que ninguém lhe concede o que eu lhe não perdôo é que tendo rasgado n'um dia a stringe sacerdotal, me appareça ao outro a encajuar o albornoz protestante n'uma capella do Porto! E' isto o que me faz duvidar da pureza da sua consciencia e da rectidão das suas intenções.

Quer vêr o que a seu respeito diz Renan, que por suspeito e ultramontano não perde? «Nada de fundar; deixemos estar nas nossas Egrejas respectivas, aproveitando o seu culto secular e a sua tradição de virtude, participando das suas boas obras e gozando a poesia do seu passado. Não repelliremos senão a sua intolerancia. Perdoamos mesmo a essa intolerancia; ella é, como o egoismo, uma das necessidades da natureza humana. Suppôr que se hão de estabelecer novas familias religiosas é ir contra as apparencias. Breve será o catholicismo angustiado por grandes seismas; não tardarão os tempos d'Avinhão, dos anti-papas, dos elementinos e dos urbanistas.

«A Egreja Catholica vae restabelecer o seu seculo XVI: mas, apezar das suas divisões, ficará sendo a Egreja Catholica (1)».

(1) E. Renan, Introd. aos Apostolos.

*

Posto que não pretenda, como já disse, refutar o que está refutado por sua natureza; não posso, todavia, furtar-me ao desejo d'expôr no presente artigo á curiosidade do publico, que não quiz perder meio tostão, alguns dos principaes aleives e embustes vulgares de que o auctor do pamphleto se serve para armar ao effeito e satisfazer ás esperanças que n'elle deposita a egreja protestante em Portugal, que, coitada! mal consegue recrutar proselytos a doze vintens por assistencia...

Vejamos: «João Huss com a alma cheia de santo zelo christão protesta indignado contra as indulgencias que o papa João XXIII concedera com o fim de sustentar uma guerra contra o rei de Napoles. O facto do vigario de Deus na terra e envolver em questões d'interesse material, servindo-se das armas espirituaes, era realmente para aquelle crente, dotado de bellissimos sentimentos christãos, uma verdadeira monstruosidade. O protesto porém d'aquella consciencia sincera serviu de base a um processo ecclesiastico: no concilio de Constança foi João Huss condemnado a morrer queimado. Morreu pois n'uma fogueira aquelle homem piedoso, e morreu pela sua lealdade evangelica. Elle nem sequer atacou d'uma maneira positiva os dogmas romanos». Ainda bem que o snr. padre Figueiredo só nos assestou esta krup em todo o decurso do seu sermão. Bem se vê que não está por ora bastante lido no martyriologio protestante; se não tivhamos Galileu, Saint Barthelony, Inquisição, guerras religiosas e tudo o mais que é costume figurar nas apologias do protestantismo.

Quanto á condemnação de João Huss, cujos sentimentos religiosos o padre Figueiredo tem em tão elevado apreço, não obstante viver affastado d'elle quatro seculos, é facil justificar o concilio que a votou. O concilio geral de Constança condemnou João Huss como hereje e para isso tinha direito. Depois foi o imperador Segismundo, que o entregou ao supplicio, menos como heresiarca do que como

perturbador publico. Não foi o concilio, mas o imperador que tinha dado o salvo-conducto; e até é facil provar que o imperador não violou a fé publica, porque o salvo-conducto não era senão para proteger a pessoa de João Huss durante a jornada afim de chegar sem perigo a Constança, onde ia advogar a sua causa (1).

Demais, para julgarmos rectamente das cousas, é preciso que nos transportemos ao tempo em que ellas se deram. E depois, certos excessos que porventura houvesse de intolerancia religiosa, não se devem imputar á egreja universal, mas sim a um ou outro individuo ou collectividade que em seus abusos nada tem que vér com a Egreja.

«A Refórma, continúa o snr. padre Figueiredo, foi um grande bem. Sem ella os povos continuariam sujeitos ao imperio do papa, immobilizados nas suas crenças supersticiosas, nas suas idéas conservadoras: com ella brillou a luz do Evangelho, purificaram-se as crenças e progrediram as nações... Roma afundou-se n'um mar d'exterioridades pagãs, que só podem servir para agradar aos sentidos; mas a religião de Jesu: na sua essencia pertence ao coração, é toda do interior, toda espiritual. .

A Refórma foi um bem, sim. Que o digam, a guerra dos trinta annos atecida pela doutrina de Luthero; as guerras civis de França, Inglaterra e de Flandres; o carnificina de S. Bartholomeu; os excessos inauditos praticados na Inglaterra no tempo de Henrique VIII e sobretudo no de Isabel, sua filha; o assassinato de Maria Stuart, de Henrique III, de Carlos I da Inglaterra; etc., etc. O unico bem que a Refórma trouxe á religião foi obrigar a Egreja a reformar os costumes e a vida pouco christã de muitos dos seus ministros. De resto, a Refórma foi um açougue d'homens irmãos; nem preciso dizer-lhe quem foi Martinho Luthero e quaes as suas intenções religiosas.

Mais, que nem se commenta:

«Roma abandonou o Evangelho, que é a verdadeira luz

(1) Dictionnaire des hérésies, tomo 1, pag. 430.

que illumina a todos..... e essa foi a causa de ter sido funesta a sua influencia nos destinos dos povos catholicos..... Por docilidade ás instigações dos confessores, poderosos elementos de Roma, foi que Luiz XIV revogou o edicto de Nantes, que Jacques II d'Inglaterra e Carlos X de França perderam a sua corôa, que Luiz XVI perdeu a monarchia e a vida», etc. Fico sabendo, e o sr. padre Figueiredo quando fizer alguma historia universal, não deve esquecer-se de incluir a confissão no numero das causas dos grandes acontecimentos historicos. E' original!

Valha-o Deus e a santa Refôrma, sr. padre Figueiredo! Quando viér a publico, veja se diz as cousas de maneira a enganar melhor os incautos, e acostume-se sobretudo a ter mais criterio, porque de contrario, em vez de nos illuminar a nós que estamos mergulhados nas trevas do ultramontanismo deixa-nos vêr apenas que os protestantes, pelo menos em Portugal, não passam d'uns pobres tendeiros que difficilmente conseguem passar as suas mercadorias avariadas...

Por hoje, fico por aqui; mas, se puder, continuarei, porque o assumpto tem mais bellezas, do que eu a principio julgava.

J. D'OLIVEIRA.

CARTAS D'UM IMPIO

II

A philosophia pagã

.... Sr. reductor.

E' magnanima a sua resposta e não desliza do programma da «Crença & Letras». Assim, com a liberdade que V. me concede, lucraremos nós lançando dvidas e erros ao erisol da controversia serena e lucrará quem nos ler, porque da

discussão irradiam os esplendores da verdade como do attrito deriva o calor.

Não tenho plano prefixado. Irei desfiando as minhas duvidas religiosas, sem preocupações de methodo, sem concatenações logicas. Amo tanto a liberdade, que por amor d'esse ideal feiticeiro, não quero sujeitar-me ás exigencias d'um plano definido. E, para principiar, lançarei na tela o assumpto curioso que epigráp̃ha esta carta.

Aqui, n'este pequenino recanto do mundo, em meio de serras asperas como as selvas e montanhezes mais broncos que os seus rebanhos, não chegam os grandes écos sonoros da sciencia nova, tão gallarda em seus arrojões e tão fatua em sua confiança desmedida. Em compensação, tenho ali diante de mim, envolvidos como mumias em pergaminhos encarquilhados, uma legião veneranda de veteranos da civilisação—os auctores gregos e latinos! — Como vê, é uma herança mais preciosa do que os ossos de qualquer sancto! Devo-a a um tio padre que eu tinha e cujos conhecimentos em lingua latina fariam inveja ao proprio Cícero.

Verei se aquelles velhos senadores, togados de pergaminho e pó, me fornecem armas com que lhe demonstre—*proh pudor!*—que esse christianismo que V. tanto exalta, não é mais que um filho renegado do paganismo. Sim, o christianismo, em tudo o que elle tem de mais essencial, na philosophia, na moral, no dogma, não é mais que um plagiato do paganismo!

(*Continúa*)

RODRIGO MORENO.

III

Pensões

1.º O preço da *pensão* pelos *dez mezes* do anno lectivo é de 100\$000 réis para todos os collegiaes.

Esta pensão paga-se em prestações adiantadas, na razão de 30\$000 réis em outubro, 30\$000 réis no fim de férias do Natal e 40\$000 réis no fim de férias da Paschoa. Estas prestações não sofrem desconto.

2.º Os alumnos externos pagam 15\$000 réis por cada aula d'instrucção secundaria e 12\$000 réis pelas aulas d'instrucção primaria. Esta pensão será tambem paga em tres prestações, na mesma occasião e na mesma proporção das dos alumnos internos.

3.º Cada alumno interno pagará 48\$000 réis d'*entrada*, para uso de mobilia durante o tempo que estiver no collegio.

4.º A *matricula mensal* das aulas é de 1\$000 réis para cada alumno seja qual fór o numero d'aulas que frequente.

5.º Os alumnos que ficarem no collegio durante os mezes de agosto ou setembro, pagam a mensalidade de 12\$000 réis, que constitue uma 4.ª prestação paga no fim de julho.

6.º O ensino de *música* custa 1\$000 réis por mez e o uso de piano 500 réis mensaes.

7.º A preparação da roupa branca (lavar e engommar) custa 600 réis por mez.

8.º As despezas que os alumnos fizerem com livros, objectos d'escriptorio, vestuario, matricula, exames, musica, correio, tratamento especial etc., formam uma conta á parte, que será paga no fim de cada trimestre.

Obs. 1.ª O mez corrente considera-se vencido.

Obs. 2.ª Os alumnos de *primeiras letras* não pagam *matricula*.

IV

Exames

1.º Nenhum alumno pôde requerer exames sob a responsabilidade do collegio, sem que os respectivos professores o julguem habilitado e sem que *adiante* para propinas e mais despezas, a quantia que se designar e que tem de ser paga no fim das férias da Paschoa juntamente com a 3.ª prestação.

2.º Os alumnos, tanto internos, como externos, que concluirem os seus exames antes de findar o anno lectivo, não têm direito a reembolsar a parte da prestação correspondente ao tempo que faltar, mas podem conservar-se no collegio e principiar a estudar as disciplinas que tiverem de cursar no anno seguinte.

3.º Todas as despezas que o Collegio fizer por motivo d'exames, serão equitativamente divididas pelos examinandos.

V

Férias

1.º As férias *grandes* principiam no dia 31 de julho e terminam na primeira segunda-feira d'outubro.

2.º No mez d'agosto, haverá aulas para os principiantes de *inglez e francez*, quando a Direcção assim o determinar.

3.º As férias do Natal principiam no dia 23 de dezembro e terminam no dia 7 de janeiro.

4.º As férias da Paschoa principiam na quarta feira de trevas e terminam na segunda-feira de Paschoela.

5.º Os alumnos de perto pôdem ir a casa no primeiro domingo de cada mez, tendo prévio consentimento das familias.

Obs. 1.ª Da parte dos alumnos e das familias deve haver a maior regularidade nas entradas e saidas por occasião de férias.

Obs. 2.ª A nenhum alumno é permittido sair do Collegio sem ser acompanhado por pessoa de confiança.

Obs. 3.ª Os dias proprios para *visitas* são os domingos e as quintas-feiras de tarde.

V I

Alimentação

1.º O Collegio fornece aos alumnos uma alimentação abundante, sadia, variada e igual á do Director e Professores que se servem á mesma mesa.

2.º Consta de quatro refeições: almoço, jantar, merenda e ceia.

3.º Aos alumnos doentes ou debeis pode dar-se um tratamento especial, consistindo em almoço ou merenda de garfo.

Obs—Tudo o que fór differente do tratamento *geral* do Collegio, é pago á parte.

V I I

Enxoval

1.º Tres fatos completos.

2.º Um *uniforme* feito segundo o modelo do Collegio.

3.º Um casacão d'inverno.

4.º 8 camisas de dia, 4 camisas de dormir, 4 camisolas, 6 pares de ceroulas, 10 pares de meias, 10 lenços, 6 guardanapos, 6 toalhas de rosto, 6 lençoes, 3 fronhas grandes e 6 pequenas, 2 cobertores e duas cobertas brancas, alguns laços ou gravatas.

5.º 3 pares de botas ou sapatos para sair e 1 par de sapatos de agasalho.

6.º Pentes; escovas de dentes, fato, cabelo e unhas; calça-leira, thesouras e espelho.

Obs. 1.º Todo o enxoval deve ser marcado com o numero do alumno.

Obs. 2.º O uniforme é um fato de flanela azulada, feito em harmonia com a moda corrente: pôde ser feito no Collegio.

A Direcção.

P.º Domingos Dias de Faria

P.º Firmino Antonio da Silva Bravo

P.º Antonio Hermano Mendes de Carvalho.